



Os estágios da investigação moral e a discussão sobre a dialética na *Ethica Nicomachea*.

Arthur Cruz¹

O presente trabalho se concentra na avaliação do método que Aristóteles se serve no seu empreendimento ético, visando constituir uma clarificação a respeito dos diversos estágios por que passa tal investigação prática, assim como também sobre o caráter dialético ou tipológico que constitui sua essência.

No início do livro VII da *EN* encontra-se uma clara formulação dos estágios que a investigação ética tem que cumprir para apreender corretamente seu objeto.²

Nessa passagem fica evidente que tal método em Aristóteles respeita aos três estágios seguintes: estabelecer os *phainomena*; problematizá-los; provar os *endoxa*.

Os *phainomena* aqui não devem ser entendidos como ‘coisas que são evidentemente o caso’ ou mesmo como ‘coisas que são vistas por observação como sendo o caso’, eles devem ser considerados como ‘coisas que parecem ser o caso’³, ou seja, o primeiro passo de toda investigação é estabelecer (*tithenai*) as coisas (opiniões ou crenças) sobre o tema em questão para que tenhamos a matéria sobre a qual trabalhar. Dessa forma Aristóteles realiza primeiro um inventário de crenças e opiniões (*phainomena*) sobre a questão a ser tratada, e essas crenças e opiniões configuram o primeiro conjunto de coisas estabelecidas pelo procedimento metodológico na filosofia prática aristotélica.

Na investigação sobre a *acrasia* isto fica explícito quando Aristóteles enumera as diversas opiniões sobre o tema⁴:

Ao temperante todos chamam continente e disposto à fortaleza, mas no que se refere ao continente alguns sustentam que ele é sempre temperante, enquanto outros o negam; e alguns chamam incontinente ao intemperante e intemperante ao incontinente sem qualquer discriminação, enquanto outros distinguem entre eles. Às vezes se diz que o homem dotado de sabedoria prática não pode ser incontinente e, outras vezes, que alguns homens desse tipo, e hábeis ademais, são incontinentes. E por fim, diz-se que os homens são incontinentes mesmo com respeito à cólera, à honra e ao lucro. Estas são, pois, as coisas que se costuma dizer.⁵

Nesta passagem Aristóteles reúne as opiniões enfatizando as diferenças entre elas. Ele afirma: *todos chamam, alguns sustentam, enquanto outros..., às vezes se diz, outras vezes...*, assim Aristóteles vai desenhando as diversas posturas sobre o assunto.

¹ Graduado em Filosofia pela Ufpel, Especialista em Ética e Filosofia Política pela Ufpel, Mestrando em Ética pela Ufpel, Bolsista da CAPES.

² EN VII 1145b 2-7

³ BARNES, J. *Aristotle and the Methods in ethics*, 1980 ; OWEN, G.E.L. *Tithenai ta Phainomena*, 1975.

⁴ A enumeração das opiniões comuns sobre um determinado tema é recorrente na EN.

⁵ EN VII 1145b 15-22

Essa forma de proceder em Aristóteles facilita a apreensão das crenças mais difundidas sobre um determinado tema e o coloca em uma posição favorável para aquilatar quais são suas principais fraquezas.

Neste primeiro estágio, no entanto, Aristóteles parece apenas fazer uma coleção quase exaustiva das principais posições defendidas sobre um tema, neste caso sobre a *acrasia*. Note-se que muitas opiniões conflitantes são contempladas neste primeiro estágio de investigação.

Posteriormente, deve-se, segundo Aristóteles, problematizar (*diaporein*) este material colhido apresentando suas inconsistências, ambigüidades, obscuridades e vaguidades, ou seja, expor os problemas que acometem algumas opiniões para proceder ao terceiro passo, qual seja, provar as opiniões restantes já que as que sobraram se mostraram imunes ao processo de problematização.

Tal processo de purificação se justifica na medida em que, como foi visto, os *phainomena* iniciais podem entrar em conflito uns com os outros. As crenças humanas podem muitas vezes entrar em contradição umas com as outras ou podem sofrer de outros vícios como os já supracitados: ambigüidades, vaguidades, obscuridades, tais vícios devem ser eliminados no processo de problematização até que restem apenas as crenças desprovidas dessas dificuldades. Segundo Barnes:

Colocado esquematicamente, o montante dos métodos de Aristóteles para isso: primeiro, reunir um conjunto de *endoxa* sobre a matéria em questão, chame-o de conjunto $\{a_1, a_2, \dots, a_n\}$. Segundo, pesquisar os *a*'s para infelicidades. Terceiro, remover essas infelicidades: purificar os *a*'s para proceder a um novo conjunto $\{b_1, b_2, \dots, b_n\}$; selecionar os mais importantes *b*'s, e construir um subconjunto consistente maximal dos *b*'s contendo os mais importantes membros. Deixe-nos chamar conjunto final, o produto final da problematização e demonstração, $\{y_1, y_2, \dots, y_m\}$: note que *m* é menor que *n*; e que cada *y* é adequadamente provado. A investigação é no fim: reunir os *a*'s fixar os problemas; problematizando e provando, transformar os *a*'s nos *b*'s e então selecionar os *y*'s resolvendo os problemas.⁶

Neste sentido é possível afirmar que, de um primeiro conjunto de crenças e opiniões estabelecidas no primeiro procedimento, passamos a um subconjunto de crenças consistentes posteriores à problematização. Por fim teremos um conjunto final das crenças efetivamente provadas que contarão como *endoxa*. A prova determinante dessas crenças pode ser considerada como a solução das inconsistências e dos outros vícios de que são susceptíveis as opiniões comuns.

As palavras de Aristóteles sobre o curso metodológico tomado no início do livro VII são esclarecedoras:

A exemplo do que fizemos em todos os outros casos, passaremos em revista os *phainomena* e, após discutir as dificuldades, trataremos de provar, se possível, a verdade de todas as *endoxa* a respeito destes afetos da mente – ou, se não de todas, pelo menos do maior número e das mais autorizadas; porque, se refutarmos as objeções e deixarmos intactas as *endoxa*, teremos provado suficientemente a tese.⁷

⁶ BARNES, J. Opus. Cit.

⁷ EN VII 1145b 2-7

Mas porque as opiniões estabelecidas no início são denominadas *phainomena* e as opiniões que restam ao final do processo de purificação são denominadas *endoxa*? Existe identidade entre essas duas expressões? Ou elas significam coisas distintas? Segundo J. Barnes⁸ os *phainomena* e os *endoxa* não se identificam mas representam a mesma classe de itens. Aristóteles também utiliza a expressão '*ta legomena*' para se referir aos mesmos itens.⁹

Como já se disse os *phainomena* são '*coisas que parecem ser o caso*', logo o procedimento exige que selecionemos as diversas crenças e opiniões que parecem ser o caso numa dada questão. Mas depois de problematizar as crenças e opiniões, purificando-as dos seus vícios, o que sobra parece merecer a denominação de *endoxa*, o que significa '*crenças e opiniões reputáveis*', pois o adjetivo '*endoxos*' significa 'de boa reputação'.¹⁰

Segundo Aristóteles '*endoxa*' são as crenças e opiniões defendidas por todos, pela maioria ou pelos mais sábios. Talvez neste contexto '*ta phainomena*' e '*ta endoxa*' tenham a mesma referência, pois o que Aristóteles faz é de fato reunir as crenças e opiniões gerais mais aceitas (por todos, pela maioria ou pelos mais sábios) e submetê-las ao crivo racional, e '*ta phainomena*' pode ser tido como o que é geralmente aceito (pois o que parece ser o caso é o que é geralmente aceito). Mas esta visão não é unânime entre os comentadores, pois já foi defendido que nem todos os *phainomena* são *endoxa*.¹¹ E isso parece ficar claro em uma passagem em que Aristóteles confronta a posição de Sócrates (certamente algo que conta como *endoxa*, já que é a opinião de um sábio, a opinião de que não existe incontinência), com uma opinião que está em contraste com os *phainomena*.¹² Ora, se a posição que Sócrates sustenta e que é um *endoxa* conflita com os *phainomena*, então estes dois grupos não se identificam. Digamos então que os *phainomena* são as opiniões que são reunidas no conjunto inicial e os *endoxa* são as opiniões que resistem às objeções no processo de purificação.

Não obstante essa disputa, o que importa aqui é que existe um primeiro conjunto inicial de crenças as quais sofrerão um processo de problematização e confrontação para formar um subconjunto que deve ser maximal e conter os mais importantes membros do conjunto inicial.¹³ Logo, alguns *phainomena* serão abandonados e outros preservados. Mas quais são as crenças que serão tematizadas?

As crenças a que Aristóteles se refere não são apenas as crenças explícitas dos homens mas também aquelas que podem ser atribuídas a nós pelas nossas ações e aquelas que podem ser atribuídas a nós pela nossa linguagem, ou seja, mesmo que alguém não manifeste explicitamente uma crença, ela pode ser-lhe atribuída ou pelas sua forma de agir ou pela sua forma de falar. Tanto a ação quanto a linguagem podem esconder opiniões latentes, mas tais opiniões são válidas, pois também revelam os costumes e opiniões que estão escondidos no comportamento dos homens, logo, tudo isso entra no conjunto inicial como matéria prima a ser beneficiada pelo processo de purificação.

As crenças que ficam de fora do conjunto inicial são as crenças e opiniões dos loucos, das crianças e dos doentes. Tais crenças, pela condição incapacitante de seus portadores, não podem ser consideradas críveis, e, portanto, não merecem análise de seu conteúdo. O próprio Aristóteles escreve logo no início da *EN* quando está apresentando

⁸ BARNES, J. Opus. Cit.

⁹ Itens que podem significar 'coisas acreditadas' ou mesmo 'coisas que são ditas'.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ BOLTON, R. 1991; BERTI, E, 1989.

¹² EN 1145b 21-28

¹³ BARNES, J. Opus. Cit.

as diversas crenças sobre o que conta como felicidade que não é produtivo analisar a totalidade das crenças

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Nicomachean Ethics* (translated with introduction, notes, and glossary, by Terence Irwin). 2a ed. Indianapolis/Cambridge: Hackett, 1999.

_____. *Ética a Nicômaco*. In: coleção os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 2000.

_____. *Ética a Nicômaco*. Trad. De M. G. Kury. Brasília: Editora universidade de Brasília, 1999.

ANAGNOSTOPOULOS, G. *Aristotle on the goals and the exactness of ethics*. Berkeley, 1994.

BARNES, J. *Aristotle and the methods of ethics*. In: Revue internationale de Philosophie, 1980.

BERTI, E. *As razões de Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 1998.

BOLTON, R. *Aristotle on the objectivity of ethics*.

GUARIGLIA, O. *La Ética em Aristóteles: o la moral de La virtud*. Buenos Aires: Eudeba, 1997.

IRWIN, T. *A ética como uma ciência inexata*. *Analytica*, 1 (3), 1996, p. 13-73.

PEREIRA, O. P. *Ciência e Dialética em Aristóteles*. São Paulo: UNESP, 2001.

ZINGANO, M. *Aristotle and the problems of method in ethics*. In: *Studies in Ancient Philosophy*. V. 32, 2007.